



Gaiato

**PORTE
PAGO**

Quinzenário • 25 de Fevereiro de 1989 • Ano XLV — N.º 1173 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

CALVÁRIO

• Conheço famílias que tratam os seus velhos e deficientes com todo o carinho. Mães e pais desvelados que os aceitam com naturalidade e lhes dão todo o amor.

O reverso também é certo: Famílias que os conseguem despachar. E se não: Gritam eles, gritam os jornalistas e revoltam-se os leitores contra o Estado, as Associações e os Serviços Sociais. Estes, dizem, é que têm o dever de vir à rua para lhes limpar as fraldas. E, de facto, em muitos casos, assim fazem, enquanto a família do sofredor passeia «numa boa».

Cada caso tem a sua especificidade. Certo. Há famílias que não têm posses nem condições para tratarem e terem os seus deficientes e velhos. Estes deviam ser os primeiros — o que nem sempre acontece.

• Entrei, há dias, numa cozinha transmontana. Ao lume, o pai, a mãe e quatro filhos. São mais seis que não estavam presentes. Os dois mais novos, um rapaz de sete e uma menina de treze anos, são deficientes. A menina não larga a mãe todo o dia.

Como esta mãe aguentou e aguenta? Mistério profundo do amor materno!

Expresso nos olhos desta mãe todo o carinho pelos filhos deficientes!

O Estado e as Instituições podem dar pão, vestido e janelas rasgadas; nunca, porém, a ternura da mãe.

Continua na página 4

HABITAÇÃO

— PROBLEMA PRIMEIRO

Um estudo recente da Associação dos Industriais de Construção Civil do Norte, a partir do relatório anual da Federação Internacional Europeia de Construção (FIEC), denuncia a disparidade prevista para Portugal, no ano corrente (aliás já verificada nos anos transactos), entre o crescimento da construção não residencial, da ordem dos 10%, e o da construção residencial que não ultrapassa a taxa de 2%. E ainda assim «este parco crescimento ficará a dever-se, em grande medida, à continuação de um bom ritmo de actividades na reparação, modernização e conservação de fogos já existentes». A este respeito, o estudo da Associação dos Industriais refere que «Portugal caminha ao arrepio das tendências europeias». Pois, «enquanto em vários países da CEE se nota um recrudescimento da ênfase posta na política de habitação através da recuperação de habitações sociais, programas de construção de novos núcleos residenciais e alívio da carga fiscal, o Estado português tem negligenciado este sector quase por completo». O que nos faz correr «o risco de, em 1992, estarmos ainda mais longe da Europa no domínio das condições de habitação».

Trago para aqui estes dados na lógica deste título: Habitação — problema primeiro. Compreendo bem que o nosso atraso era em todos os domínios e que não se pode recuperá-lo todo de uma assentada. Porém, se desde 1986, no campo da construção de equipamentos sociais e de infraestruturas, «Portugal apresenta, no conjunto da Comunidade Europeia, as taxas de crescimento mais elevadas», segundo o relatório da FIEC, parece-me chocante a prevalência dada a estas obras, indiscutivelmente necessárias, expressa por números tão distantes como são 10%, dos 2% atribuídos à habitação. E, com a Associação dos Industriais de Construção Civil, lamentamos que «neste domínio não haja, da parte dos poderes públicos, um forte empenho em reduzir o fosso que nos separa da Europa».

Por um lado — prossegue o estudo da Associação — «continua a aguardar-se a definição de uma política de solos, a revisão dos procedimentos administrativos de licenças de construção, a modificação da lei das

Continua na página 3



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Tenho andado, ultimamente, pela zona centro. É a zona do pinhal. As montanhas e o cheiro da resina acompanham-me por toda a parte. O ar que aqui se respira é mais puro. Os horizontes vastos e esfumados, quando a estrada nos leva às alturas. Mas, nos vales profundos, o céu é fatia azul, bordada pela copa dos pinheiros. A beleza destes sítios é rara, como raras são as aldeias perdidas nos rincões das serras.

As condições de vida de quem aqui vive não são as melhores, na maioria dos casos. Muitas aldeias têm aspecto de coisas perdidas no tempo. As gentes nem sempre mostram vontade de mudar. Algumas revelam esse desejo, mas não encontram maneira de o realizar.

Aqui e ali há sinais de vida nova. Refiro-me, sobretudo, às condições de habitação. As casas novas que surgem provocam ainda mais o contraste com as antigas.

Ora, tenho andado a atear fogo por estes lados. Estes fogos pequeninos não fazem arder o pinhal, mas vão queimando e alastrando pelas aldeias perdidas e esquecidas. O Património dos Pobres, na sua modalidade actual, é um precioso auxílio para quem deseja sair da situação degradante, às vezes desesperada, em que se encontra. Temos falado com dezenas de párcos. Eles são os pastores do rebanho. Conhecem as suas ovelhas. E pela mão deles temos ido ao encontro de muita gente que desperta de um sonho: ter casa própria; renovar a que habitam; consertar a que pos-

Continua na página 2

Quanto mais os países evoluem, mais se acentua (em todo o mundo) o fosso entre os bem e os mal instalados. Falência da Economia ou deficiente aplicação das suas regras científicas...? Trinta anos depois, a motivação e acção de Pai Américo — casas para os sem casa, Património dos Pobres — continuam, infelizmente, actuais. Que diria ele, hoje, aqui e agora?!

Do que nós necessitamos

A bondade é um rio que leva muita força. Aonde chega, o ambiente muda: a pessoa, a família, os outros. A Maria Teresa e o Henrique são testemunhas: «...Sentimos com mais força a nossa responsabilidade de cristãos e a obrigação de repartir os bens usufruídos. Sabemos que existem muitos homens necessitados e, por vezes, não sabemos como chegar a eles, neste trepidante mundo em que nunca há tempo para nada. Por isso, junto enviamos a nossa pequena contribuição». Mãe boa, pede pelos seus dois filhos, repartindo com os nossos. Funcionária na F.N.M., toma a iniciativa do bolo-rei e manda esta nota simpática: «Bolo-rei é pequeno, mas a intenção de quem oferece é grande». Médico, de Arrifana, é empurrado pela torrente caudalosa do rio e manda dez mil. O mesmo acontece a uma professora reformada para tapar o «buraquito» mais necessitado. Paula Cristina e seus colegas de trabalho juntam ao bolo 36.222\$50. Um grande abraço para todos, da «recoveira da Pasteleira». Muitos metros de ganga para calças e fatos de trabalho, de armazém conhecido, do Porto. A presença habitual de Fiães, com 15.000\$00. Mais outra, de um grupo de amigos que ainda não conseguiu deixar de fumar. Pano de lençol e dúzias de toalhas, de empresa têxtil. O tempo desgasta as coisas. O cora-

ção bom, porém, vai-se tornando mais puro à medida que o tempo passa. É o caso daquela mãe que, há vinte e dois anos, recebe O GAIATO em nome do filho e gosta muito de dar graças. Há quantos anos, e todos os meses, C. F. envia 500\$00, em selos de correio! Casal, de Aveiro, associa a Casa do Gaiato ao aniversário do casamento. Não dizemos donde vieram os 100 mil escudos e os votos de que o Amor de Cristo e a bênção de Maria cubram toda a Obra da Rua. Maria Luísa não quer que agradeçamos os mil contos, acompanhados duma folhinha com estes dizeres: «Tenho uma grande admiração pela Obra da Rua e peço a Deus continue a dar forças a todos para a levar a cabo, continuando a vossa grande missão de caridade». Mais três amigas, cada uma com 100\$00. Que fidelidade! Rosália e Agostinho, dois irmãos, deram-se as mãos e juntaram vinte mil, das suas poupanças. Não agradecemos os 250.000\$00 porque o titular do cheque no-lo pede. Mas aceitamos e agradecemos a muita amizade que dedica aos rapazes e aos Pobres.

Do casal Guerra, «uma migalhinha de 5.000\$00 e que o Senhor vos abençoe e continue a nascer, em vós e na Obra que dirigem». É interessante ver como os simples entendem o nosso lugar no campo de trabalho que foi confiado à

Obra da Rua. O pai do Hugo Miguel, agradecendo o bem que pode fazer, canta o hino das Bem-aventuranças. É preciso experimentar para cantar. Sim, acreditamos no bem maior da Comunicação dos Santos. Os cumprimentos, muito sinceros da amiga e admiradora da Obra da Rua, que a ajuda a confiar nos homens e a amar a Deus, juntamente com novos assinantes d'O GAIATO, a maior parte dos quais são funcionários da Direcção-Geral dos Registos e Notariado, mais 36.000\$00.

«Estou a lutar com todas as minhas forças», confessa a senhora viúva, privada da companhia, do carinho, do amor de seu marido, morto em desastre de viação. Oh legendas! «Junto envio um pequeno donativo, 50.000\$00, para os seus rapazes que são meus também». De Alcobaça, 10.000\$00. Metade, da assinante 7266. Dos velhos amigos, da Caixa Têxtil, para os «nossos amigos gaiatos», 16.000\$00. Os alunos da Escola Secundária de Vale de Cambra (11.º B) passaram pela nossa Aldeia; foram-se e voltaram, agora, com a sua dádiva e um beijo especial para o lídio, «Balão» e «Balãozinho». Demos o recado com muito gosto. Maria Helena põe em dia a assinatura d'O GAIATO, mais a que ofereceu a seu marido e ainda outra ao cunhado que exerce poder político. «Quando a minha fé anda mais por baixo, alimento-a com o 'Famoso'». De Caracas, 12,5 doll. Mais 600, dos U. S. A. Outra Maria Helena, reformada, com 15.200\$00. Pagamos com a mesma moeda, no altar do Sacrifício, todas as manhãs. De Germiston, 18.300\$00.

Escutemos a lição do mestre de Trás-os-Montes, à beira de Vila Real: «Quero despachar para a Casa do Gaiato uma parte das minhas economias. É uma ordem suave e terna do nosso Deus à qual não posso fugir. Os marginalizados, os doentes, os que não podem defender-se pacificamente, enfim, todos os que precisam, têm sido objecto preferencial deste pobre servo de Nosso Senhor, desde há uns anos a esta parte. Como vai verificar, segue com esta carta um cheque de 200.000\$00. Uma coisa rogo: total olvido da pessoa que manda o dinheiro. É Deus que o envia, não sou eu». Pássamos, há dias, por sua casa e abraçámos o sr. professor, já reformado, dando lições e recebendo tudo por dedicação, à maneira franciscana. De Lovelhe, 10.000\$00. Vera de Oliveira manda «esta pequena migalha de 5.000\$00, porque a reforma de meu marido é muito pequenina também». Quem pode avaliar o dom oferecido? Professora do 4.º ano, da Escola do Bairro-Arrifana, vem com seus alunos trazer o cheque de 5.000\$00. Mais o aumento da reforma. Primeiro ordenado de uma jovem. Dois vales de correio, no valor de 50.000\$00 cada um: «A prenda mais cara do meu Natal é para os irmãos necessitados». Cinco mil, da assinante 17624. A Sara, jovem de 15 anos, apesar de não ser rica, diz que aquilo que gasta com ela dá para todos os outros necessitados. Esta abertura da vida é saudável. Trinta e cinco mil escudos referentes a aumento de ordenados e percentagens do 13.º mês. Mãe e filhas, de mãos dadas. Mais 200 dólares provenientes de colecta efectuada num convívio entre amigos, da área de Braga. Mais suor e mais sangue a marcar a dádiva por devoção: «Começo por pedir desculpa de só agora poder mandar umas migalhinhas, mas também

tenho pouco e a minha pensão é pequenina». 3.000\$00, de Maria Clara, e palavras de dedicação. Dos TLP, secção de Vagos, 2.500\$00. O mesmo, de Docinda Martins. Donativos de Helena e de mais pessoas vão aos 18.000\$00. As economias feitas por amiga reformada chegam aos 165.000\$00. Um Engenheiro «paga O GAIATO com cheque de 40.000\$00». Senhora faz o mesmo, com outro de 50.000\$00. Primeira contribuição da assinante 21454, no ano de 1989. A alegria da Helena, de Cascais, por ter conseguido juntar mais algumas migalhas ao carinho de sua mãe e filhas. Obrigado! Cidadão

anónimo, do povo, vem com 5.000\$00. As três turmas do 8.º ano de Escola Secundária mandaram as suas economias e fizeram-no com amizade e entusiasmo porque são jovens como os nossos. Cinquenta mil, em silêncio, para não ferir a delicadeza de quem os mandou. Mesmo doente, sem querer demorar mais tempo a escrever, veio mesmo assim. «Que o Senhor aceite esta dádiva como prova da minha gratidão para com Ele, pois ainda me ajudou a poder mandar. O grupo das senhoras do Candal manda 70.000\$00.

Padre Manuel António

SETÚBAL

Eu tenho um lugar aonde sou chamado, às vezes, por uma enfermeira que cuida do corpo e da alma de muita gente da rua.

Não é um confessorário; mas, ali, tenho escutado os segredos mais íntimos e as tragédias humanas mais medonhas.

Muitas lágrimas tenho visto correr e prescrutado corações arrependidos: «Eu não quero mais»... «Eu não volto mais»!...

Diante de uma saída, embora precária, com o conforto de uma ajuda e uma palavra de Luz, os horizontes rasgam-se e... a esperança renasce.

O universo dos acomodados não conhece estes caminhos nem sonha sequer com o sofrimento abissal das cavernas do submundo. Vive à luz do dia, como se para toda a gente brilhasse o sol radiante.

As festas seguem-se umas às outras, ligadas pela propaganda comercial: O Natal, o Carnaval, a Páscoa, as férias, os aniversários, os casamentos, os baptizados, as comunhões, os jubileus, as estações, etc.

O comércio encarrega-se de empurrar o homem para a sociedade de consumo.

Os meios de comunicação, dominados pelo dinheiro e pelo lucro, com técnicas psicologicamente avançadas, trazem à humanidade imagens irreais de uma vida social ilusoriamente feliz.

Os cristãos deixam-se embalar na corrente e... de muitos, a concupiscência da carne e dos olhos, mais a soberba da vida, fazem deles o que querem. É o paganismo a dominar... e... com que força!... — como se tudo fosse matéria!, e os compromissos da Fé miragens de poesia alimentadas por celebrações teóricas.

É o caso daquela senhora que o marido abandonou e, vivendo junta com um divorciado, gerou dois filhos. Ele perdera o salário pela falência da empresa comercial com que trabalhava à comissão. A renda da casa é de 28.000\$00 mensais. A alimentação, o gás, a água, a luz, são sorvedouros imparáveis e esgotantes de todas as reservas.

Nesta cidade, as mulheres novas facilmente arranjam dinheiro, mesmo sem se exporem. Há casas finas, de prostituição disfarçada, à revelia das leis, para homens endinheirados!...

Foi a descida aliciante!...

Veio uma gravidez.

«Ele — o companheiro — tem nojo de mim.» «A senhoria quer que eu saia. Que alugue um quarto.» «Que outras pessoas oferecem mais pelo andar e pagam sem problemas.» «Devo três meses de renda de casa!»...

«Não posso mais andar nesta vida!»... e, acariciando ternamente o volumoso ventre..., despejava num choro de comover as pedras: «A única solução é matarmo-nos todos... Bati a tantas portas — e enumerava algumas até ligadas à Igreja — ninguém me vale!»...

Isto foi na semana carnavalesca. Como os festejos e as cenas da quadra me cheiraram a sarcasmo!

Para este e mais dois casos parecidos, só nesta semana dei mais de duzentos contos.

O gozo de dar, de partilhar e de sofrer, enche-me muito mais a alma que todas as festas!

O mundo não sabe o que é o Cristianismo... e... tantos cristãos ainda não descobriram que o mundo os engana, prometendo o que não dá.

Padre Acílio

HABITAÇÃO

— PROBLEMA PRIMEIRO

Cont. da página 1

rendas e a introdução ou revitalização de instrumentos financeiros de apoio ao sector imobiliário». Por outro lado, «assiste-se a um aumento das dificuldades de acesso ao crédito pelas empresas de construção civil; e a restrições, pela via das taxas de juro praticadas ou pela lentidão de processos burocráticos, à concessão de crédito para aquisição de casa própria pelos particulares».

Isto que se aguarda e isto a que se assiste — julgo poder concluir do referido estudo — constitui o que importaria resolver e remover para «reduzir o fosso que nos separa da Europa» em matéria de habitação. Mas para tal é necessário «um forte empenho dos poderes públicos», que os não deixe resignados a uma tão díspar mobilização de recursos, proporcionando um crescimento de 10% à construção de equipamentos sociais e de infraestruturas e só 2% ao crescimento do parque habitacional, tão carente e degradado, e que não sei porque não é classificado de primeiro entre os equipamentos sociais. É que a casa é o lugar insubstituível da Família e esta o alfofre do cidadão. Sem ela é impensável uma Família sã; e sem esta, impossível uma sociedade da mesma sorte. Os outros equipamentos sociais e infraestruturas são, com certeza, necessários: uns ao desenvolvimento económico de um Povo; outros convenientes ao seu progresso e bem-estar. Mas a habitação é indispensável ao desenvolvimento normal do próprio homem — por isso é por aí que tem de se começar.

É muito bom e diz bem do nível de uma Nação a qualidade dos seus equipamentos sociais. Mas de que serve um magnífico Palácio de Justiça, Repartições públicas impecavelmente bem instaladas, instituições bancárias luxuosas, parques desportivos do melhor que há... — de que serve tudo isso, se entre os cidadãos que os utilizam, tantos não têm ainda habitação que respeite a dignidade humana e satisfaça minimamente as suas exigências, ou têm a sua vida bloqueada pelo problema da habitação quase impossível de resolver, como é o caso de tantos jovens casadoiros por esse país além.

Repito: Penso que a habitação devia ser inscrita em primeiro lugar entre os equipamentos sociais, com os direitos de prioridade consequentes. Assim não se verificaria a chocante disparidade denunciada e não iríamos ficando cada vez mais para trás, neste domínio, enquanto em outros, felizmente, nos vamos aproximando das metas europeias.

Padre Carlos

ASSOCIAÇÃO dos Antigos Gaiatos do Norte

Devido à sobrecarga de trabalho e reuniões com a constituição da Cooperativa de Habitação e porque a maioria dos elementos responsáveis empenhados no processo pertencem à Associação, não tem sido possível dar notícias.

Continuamos em actividade e, brevemente, programaremos os nossos convívios para o corrente ano. Pensamos organizar uma excursão às Casas do Gaiato, espalhadas pelo País, a exemplo do que fizemos em 1987.

Os sócios e antigos gaiatos podem fazer a sua inscrição aos sábados, a partir das 14 horas, na Sede, onde estará um elemento responsável para prestar esclarecimentos e receber o pagamento das cotas.

É nossa intenção arranjar uma mesa de ping-pong e tabuleiros de damas para convívio dos sócios, na Sede.

Carlos Gonçalves

AQUI, LISBOA!

«Os bens de que o mundo dispõe são imensos e a sua distribuição é cruelmente desigual. É a própria dignidade do homem que está em causa: a dignidade daqueles que têm o direito de possuir com que viver fisicamente, a dignidade também daqueles que não poderiam dizer-se satisfeitos, ignorando os seus irmãos mais desprovidos.» (João Paulo II)

Os cristãos, pelo Baptismo, são obrigados a assumir-se como profetas de Deus. Apesar das suas limitações, podem e devem situar-se nos caminhos do Profeta por excelência que foi, é e será Jesus Cristo, buscando a fidelidade a todos os instantes, numa linha dinâmica de conversão que os conduzirá a testemunhar com a vida a fé que dizem professar. O contrário será, pelo menos, incoerência.

A vocação a que fomos chamados induz-nos a estar atentos a todos os problemas dos nossos irmãos, sobretudo dos mais carecidos, denunciando as situações que nos parecem iníquas, sem pretensões de falarmos *ex-cathedra*, mas com a audácia própria de quem, sem interesses inconfessáveis, só busca a Verdade e se pauta pelo espírito de servir, desligado de grupos ou clientelas de quaisquer matizes.

Falaremos hoje, embora de modo sumário, de três coisas: o imposto único e as Instituições de Solidariedade Social; as pensões de reforma e a sua exiguidade; os impostos, as

taxas ou similares que incidem sobre as associações de bem-fazer.

A Comissão Nacional de Justiça e Paz, atenta às questões da sociedade em que se insere, acaba de denunciar o IRS (Imposto sobre o rendimento das pessoas singulares), no que se refere aos donativos às Instituições de Solidariedade Social e similares, desincentivadas pela redução dos descontos a subtrair nas ofertas feitas, minimizando os valores em vigor no antigo Código de Imposto Complementar, com manifesto prejuízo para aquelas entidades que se dedicam, nos mais variados capítulos, ao serviço da Comunidade.

A título explicativo, segundo aquela Comissão, para benfeitores de rendimentos anuais de mil, dois mil ou três mil contos, a redução fiscal correspondente fica em cerca de 4, 5,25 ou 6 por cento das dádivas, em vez de 12, 20 ou 30 dados pelo regime fiscal anterior. Em contrapartida, o novo Código só conserva a possibilidade das pessoas singulares deduzirem na sua matéria colectável a totalidade das ofertas à Administração Central ou

Local. Relativamente aos donativos às restantes instituições de interesse público, mormente de solidariedade social, o IRS apenas permite deduzir 15 por cento do montante ao rendimento global, reduzindo de maneira significativa o que até agora se constata.

A Comissão de Justiça e Paz termina por acusar o Estado de estar «pouco interessado no financiamento das IPSS, não incentivando que benfeitores se substituam ao seu apoio financeiro».

Com estas ou outras disposições a nossa acção vai continuar. Simplesmente, para que fique registado, não queremos deixar de aplaudir o comunicado a que fazemos alusão, denunciando a injustiça dum documento oficial, «incompreensível e injusto», profundamente lesivo dos interesses das Instituições e provocando possíveis equívocos, quando não desvios, dos objectivos dos ofertantes, numa «atitude própria de um Estado centralizador e, portanto, condenável».

☆☆☆

A segunda parte deste nosso escrito diz respeito às pensões de reforma ou equivalentes, problema delicado e com graves repercussões na vida de muita gente. Os valores atribuídos, apesar dos aumentos verificados, podem considerar-se, sem demagogia, uma autêntica miséria, atendendo ao custo de vida e às disparidades verificadas.

As pensões mínimas do regime geral (invalidez e velhice) atingem os 14.600\$00; as do regime especial dos trabalhadores agrícolas, 10.700\$00; e as dos regimes não contributivos e equiparados, 9.700\$00. Os subsídios de grande invalidez, igualmente actualizados, alcançam, por sua vez, os seguintes valores: 5.420\$00 (regime geral), 4.650\$00 (regime especial, agrícola e pensão social) e 3.260\$00 (todos os regimes de sobrevivência).

Sendo certo que as pessoas abrangidas são, em grande número, de idade avançada ou diminuídas por acidentes ou doenças, fácil é concluir que as suas necessidades são maiores, enquanto o grau de defesa ou de recurso a outras fontes de rendimentos se tornam menos fáceis. As excepções serão reduzidas em relação ao cômputo geral.

Conhecendo nós os preços das coisas, por mais parcos que sejamos em exigências, como podemos conceber a vida dos nossos Irmãos com tais pensões ou subsídios? Entretanto, à volta, num mundo cheio de dinheiro e sôfrego de prazer, vão-se delapidando somas astronómicas, a nível oficial ou privado, num exibicionismo ofensivo da dignidade dos mais fracos, em que o egoísmo ou a insensibilidade constituem as notas dominantes. Como acentuou João Paulo II, na sua recente Encíclica, na verdade, os verdadeiros obstáculos para vencer a pobreza não são técnicos, mas morais, e que o pecado não está no coração dos homens, mas que «cristalizou» também em «estruturas de pecado», que fazem o mal de forma quase automática.

Padre Telmo

Não compete ao escrevinhador destas linhas encontrar soluções adequadas e eficazes para os assuntos postos. De qualquer modo, diremos que os processos adoptados sendo meramente distributivos, em que a população activa do presente paga para a passada, há que encontrar esquemas apropriados para os problemas em equação, como a indexação das reformas aos contratos estabelecidos para os trabalhadores activos, acompanhando a inflação verificada; ou então, como sucede em França, com o recurso a mutualidades ou aos fundos de pensões organizados ao nível das empresas, como recentemente veio a lume no «Jornal das Misericórdias». De facto, não tem sentido, como ocorre no caso português, que a Segurança Social tenha 2,1 milhões de beneficiários para 3,4 milhões de contribuintes, sem referir o número de faltas no campo contributivo.

As palavras que escrevemos não trazem nada de novo aos leitores. São apenas o comungar, em partilha fraterna, de dificuldades candentes, que a todos devem preocupar e causar insónias. Sem Justiça não se poderá falar em Amor; e sem nos preocuparmos com a sorte dos mais desfavorecidos, o Evangelho será alienante, sem sentido.

☆☆☆

Todas as Instituições de carácter social precisam muito mais de ajudas indirectas do que directas. Muito ajuda quem não estorva, temos citado várias vezes nestas colunas.

Há coisas que não entendemos, sobretudo se as compararmos a outros campos, aliás merecedores de atenção. Pedem-se isenções ou benefícios fiscais, quando não volumosos donativos, para muitas associações culturais, de teatro, de cinema, de artes plásticas e outras, como desportivas, esquecendo-se o fundamental. Há quem faça muito barulho e tenha muita capacidade de reivindicação. As Instituições vão procurando acudir ao essencial, dando pão, guarda, vestir, educação, tratamento na doença e ajudando a morrer em condições de dignidade, etc., etc. É um trabalho insano, apagado e difícil, nem sempre compreendido e, até, muitas vezes, prejudicado com as mais variadas discriminações e obstáculos.

Dois exemplos que dizem respeito a esta Casa: No ano passado pagámos à EDP dois milhões e novecentos e dezoito mil escudos de electricidade. Sim, quase três milhões! Nesta importância está incluído o fundo de apoio técnico, no valor de duzentos contos. Estará certo que não haja um escalão especial e que tenhamos de pagar o tal fundo?

Temos o Lar do Gaiato em Lisboa, um andar com seis assoalhadas. Compreende-se que tenhamos de pagar à Câmara de Lisboa o imposto para o serviço de incêndio sobre prédios urbanos e a taxa da rede geral de esgotos como outra pessoa qualquer? Os leitores que respondam.

Padre Luiz

CALVÁRIO

Cont. da pág. 1

Ai! se todas as famílias que podem, assumissem os seus velhos, doentes e deficientes...! É esta a ordem natural. Muitos estragam-na, atirando os seus pela «borda fora». Na maioria dos casos, não falta o pão; e o espaço nasce — quando está nos corações.

• A nossa Paula Alexandra foi internada num hospital por seus pais e não a quiseram mais. Sofre de hidrocefalia. A sua cabeça continua a crescer. Tem doze anos, mas mentalidade e estatura de quatro. Pouco mais diz do que «dá cá», apontando as bonecas, e «toma lá», entregando-as de novo. Assim uma tarde inteira! «Anda cá, dá-me a mão» — disse-me hoje. Ela procura um contacto, uma ligação a algo que presente e se lhe escapa.

«Dá cá» — e apontou a boneca.

«Toma» — e deu-ma.

«Anda, dá a mão.»

«Deixa-me ir» — lhe disse; mas continuei pensando:

— Tenho que ir comprar parafusos, um balde, remédios e ovos.

Amanhã, talvez venha; mas não; tenho que fazer no Porto. Sabes, o nosso mundo é muito complicado. Vivemos esmagados sob toneladas de papéis. Despachamos uns, vêm logo outros. Nós próprios carregados de problemas e dores; e nem sempre os resolvemos e suportamos na linha de Deus, mas numa visão humana e terrena — sempre falível e pobre.

Tu, minha «Paulinha», na tua caminha fofa, não compreendes as coisas... Ainda bem. O teu mundo é mais simples e mais feliz. Fazes, naturalmente, a vontade de Deus. Nós temos muita dificuldade em nos conformarmos com ela. Damos mil voltas. Milhentas ocupações. Afadigamo-nos com o ontem, o hoje e o amanhã. «Olhai os lírios do campo.» Qual? Não olhamos. Virados para nós próprios... vemos, sim, a nossa imagem reflectida nas coisas e nos acontecimentos.

«Dá cá.»

Acordei e continuei pensando no que hoje direi num clube de rotários onde vou falar.

Vou falar mesmo de ti. Dizer-lhes que o estar calado diante dos teus olhos amendoados, a dar-te a mão e as bonecas, é um ganho. E que a verdadeira fraternidade não se pode medir à maneira do mundo — deve brotar dos corações, límpida como a água das fontes.

Até logo, querida.

Padre Telmo

Tribuna de Coimbra

• Hoje passei a manhã numa reunião de homens adultos. Estava um de oitenta e oito anos. Bem atento. Com suas canadianas ao lado. Professor universitário muito competente. O tema da reunião foi a sociedade do nosso tempo. Meditamos o seu caminhar para ajudarmos, cada um no seu caminho.

Há muitos caminhos que não levam à felicidade. As pessoas perderam o hábito de pensar. A vida é muito de corrida. Caminha-se, por vezes, às cegas. Inconscientemente.

Este tempo da Quaresma é propício à meditação e conversão. Vimos os flagelos das guerras entre grupos; enquanto a maior parte dos homens mais responsáveis procura acordos de paz. Os grupos de terroristas que assaltam e destroem vidas e bens. Todos aqueles inconscientes que provocam desastres que sensibilizam a humanidade inteira. A droga. O abandono da família.

Aquele homem, «uma criança» — como ele diz — esteve sempre atento à exposição. Reunimo-nos para procurar melhores caminhos. No fim, bem perto de mim, ouço dizer: — Bem dizia o Padre Américo que não há rapazes maus! Há maus caminhos...

• Trouxe, na carrinha, uma grande carga de maçãs. O primeiro a aparecer, junto ao portão, foi o «Rua». Geralmente, é ele, sempre, o primeiro a aparecer. Com sorrisos misturados com tristeza. Foi chamar outros para descarregar e foi um instante enquanto o fizeram. Os degraus da escada nem pareciam degraus. São sempre momentos de muita alegria recolher o pão de que se gosta. A fruta é sempre um encanto.

Reparei que, na última caixa, o «Rua» encheu os bolsos. Refilei alto e o «Rua» depôs o roubado no seu lugar. Continuou corado, mas em ar descontraído.

Fiquei a meditar no tema da manhã. Os caminhos tortos por onde muitos caminham. E teimam em caminhar. A reunião e o tema de meditação da manhã deu-me mais alento. O «Rua» é um tipo de criança negativa. Sabe que faz mal, mas faz. Sempre em zarzatas. Sempre aos gritos de choro. Sempre de sorriso esvaído quando prega partidas. Sempre com cicatrizes e arranhões. Sempre em luta e a pegar com os outros.

Abandonado pela família, teve de voltar ao Jardim Infantil. Quesilento na Escola, tiveram de recorrer ao Tribunal de Menores. Mau companheiro dos vizinhos, teve de ser acolhido na Casa do Gaiato.

E se o «Rua» vai continuar a ser como tem sido até agora, para onde há-de ir?...

Hei-de voltar a conversar com ele.

Padre Horácio



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e Imp. offset: Escalas Gráficas da Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788998